

CONVERSA COM PAULO FREIRE: Linguagem e Poder

*Entrevista concedida a Virgínia Maria de Figueiredo e Silva e Tânia Maria Piacentini **

Paulo Freire esteve em Florianópolis, no dia 8 de junho, a convite da ALISC e da APGF (Associação dos Licenciados de Santa Catarina e Associação dos Professores da Grande Florianópolis), para uma palestra sobre Educação, na Assembléia Legislativa.

Fomos ao aeroporto onde, após uma entrevista coletiva à imprensa, ele nos concedeu um depoimento especial para a Revista *Perspectiva*, do CED. Aqui, a transcrição integral do depoimento de Paulo Freire, do qual mantivemos o tom coloquial e simples em que a conversa foi desenvolvida:

— Paulo, nós estamos organizando no Centro de Ciências da Educação da UFSC um número especial da Revista *Perspectiva* sobre leitura na escola e literatura infanto-juvenil. Tu tens trabalhado muito, a nível teórico e prático, sobre a questão da leitura e da linguagem, tanto na fase de alfabetização quanto posteriormente, quando a pessoa já domina os mecanismos de leitura e escrita. Alguns dos teus conceitos e tuas reflexões têm servido de base para o trabalho de muitos professores, nesta área. Principalmente os que estão contidos no artigo (primeiramente conferência) "*A importância do ato de ler*", tais como "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", "o ato de ler implica sempre percepção crítica, interpretação e "re-escrita" do lido", "aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade". Neste depoimento para os leitores do Caderno do CED, que são

* Professoras do Centro de Ciências da Educação (Departamento de Estudos Especializados em Educação e Metodologia de Ensino) da Universidade Federal de Santa Catarina.

preferencialmente professores da rede estadual e alunos dos nossos cursos de Licenciatura e Pedagogia, nós gostaríamos que, partindo dessas considerações, falasses um pouco sobre leitura, escrita e linguagem.

— Em primeiro lugar, este tema, para mim, é fundamental hoje. Um tema importante, e muito político. Tem muita ideologia passando por ele. E não é só no Brasil. Este tema hoje é muito vivo nos Estados Unidos, por exemplo. Creio que foi no ano passado, a revista de Educação da Universidade de Boston dedicou um número inteirinho a isto. Inclusive eles me pediram autorização e traduziram "*A importância do ato de ler*", que foi o primeiro texto do tal número da revista, com uma série de artigos muito bons sobre o problema da leitura. Entre nós, eu acho que, além dessas considerações que eu ensaiei naquele texto sobre a leitura do mundo e a leitura da palavra, a gente ainda tem um problema a encarar quando a gente pensa na leitura da palavra e na escrita da palavra. Que é um problema de linguagem e linguagem de classe.

Eu acho inviável compreender o problema da linguagem sem um corte de classe. Não é possível compreender o problema da linguagem sem uma referência ao poder, e o poder é o poder de classe, evidentemente. No caso brasileiro, a distância entre esta nossa linguagem sofisticada, esta linguagem conceitualizada, esta linguagem que opera ou que funciona em termos de descrição dos conceitos e não em termos de descrição do concreto, como é a sintaxe popular. Eu não sei se entre vocês a distância entre a linguagem que constitui o padrão culto e a linguagem popular é tão imensa, não sei se aqui também o é, porque vocês têm uma formação diferenciada, por causa das influências das imigrações. A distância é imensa do ponto de vista, em primeiro lugar, da sintaxe, e tem a ver com a estrutura mesmo do pensamento, incluindo as diferentes sintaxes ou diferentes capítulos da sintaxe, entre eles o da concordância, por exemplo. E como não há sintaxe desconectada da semântica, toda a análise sintática, não aquela do sujeito e predicado, envolve a semântica e toda a preocupação com a semântica remere à estrutura do pensamento. Ora, entre nós, quando a gente pensa no chamado padrão culto, a primeira pergunta que a gente faria seria: quem disse que este é o culto? E aí tu chegas à questão do poder: só quem tem poder define, só quem tem poder descreve, só quem tem poder perfila e por isso é que o opressor perfila o oprimido, por isso é que o opressor dá nome à terra do oprimido. Veja o seguinte, a história

da colonização é esta, os colonizadores chegam e dão nome diferente. Agora, quem disse que este é o padrão certo? E tem mais, se diz, ainda que este é o único padrão lingüístico que é correto e que é o único que é bonito, que tem bom gosto e que é o único que tem uma gramática regendo as regras. Então, tu vêes a relação entre gramática e poder também. Por outro lado, existe uma gramática no discurso popular, por trás e por dentro do discurso popular. Só que, o povo, precisamente porque não teve acesso à educação chamada formal, ao conhecimento, não pôde criar os seus lingüistas, os seus gramáticos para fazer a sua gramática. E os gramáticos da nossa classe não vão fazer a gramática da classe popular, porque precisam dizer que não há gramática na linguagem popular. Então, faz 480 anos que os meninos populares desse país que chegam à escola — porque há uma quantidade extraordinária que nunca chegou — voltam para casa tristes, um dia, ou três, ou quatro, ou um ano inteiro ou a vida inteira, carregando um caderno cheio de riscão vermelho, escrito errado quando eles escrevem “nois vai . . .”

Eu outro dia dizia a um grupo de intelectuais que imaginássemos uma coisa, que seria uma beleza se houvesse, mas que não vai acontecer, pelo menos não assim como eu vou propor neste exercício de imaginação. Que de repente a gente tivesse misteriosamente uma transformação radical neste país e que um mês depois chegasse minha neta lá em casa e me dissesse: “meu avó, eu estou louca! Imagine que eu digo “nós chegamos”, minha mãe também diz e você também, ou “a gente chegou”. Minha avó, meus tios, meus vizinhos também dizem assim e hoje lá na escola eu escrevi “nós chegamos” e a professora riscou, meteu o vermelhão em cima, riscou e disse: “é nois chegou”. E ela me diria: “— mas meu avó, como é que pode ser agora, quer dizer, será que eu vou ser obrigada a dizer assim? Eu não posso, meu avô!”. Quer dozer, faz 480 anos que a gente faz isto com os meninos populares, não?

Então, eu acho que este problema que vocês colocam é muito importante se tocar nisso aí também. Agora, evidentemente que quando a gente toca nesta questão, é preciso também aclarar, porque não se trata aqui, agora, de chegar na área popular e dizer: é realmente “nois chegou” e pronto. Não se trata de fazer isto. Para mim, trata-se do seguinte: *primeiro*, testemunhar à criança proletária e sub-proletária que “nois chegou” é tão bonito quanto “nós chegamos”. Agora, se tu me perguntares, mas Paulo, escalona este testemunhar! Não se trata aqui nessa entrevista de escalonar o tempo para estas coisas, é a prática

que vai escalonar. *Segundo*: é preciso testemunhar o respeito também, para que a criança comece a confiar nela também. *Terceiro*: é preciso deixar claro à criança, sem fazer nenhum tipo de discurso proselitista ou academicamente revolucionário, que não tem sentido nenhum, mas fazer, através do testemunho e da explicação ligeira, com que a criança comece a perceber a relação entre linguagem e ideologia, linguagem e classe social, linguagem e poder.

— Um bom exemplo de um trabalho deste tipo, exatamente nesta linha que tu estás descrevendo é o da experiência que a Eglê Franchi fez com seus alunos de 3ª série primária, na periferia de Campinas, São Paulo. E que agora já está publicada, num livro chamado “E as crianças eram difíceis . . . Redação na escola”, da editora Martins Fontes.

— Ah! Já foi publicado? Que bom, então eu devo ganhar um da Eglê! Eu conheço o trabalho, enquanto estava ocorrendo e enquanto dissertação de mestrado. É realmente muito bom!

Voltando ao que eu estava dizendo. Depois, é preciso convencer as crianças de que elas precisam aprender “nós chegamos” pra poder brigar melhor com a classe dominante. Agora, eu acho que há um outro passo a dar, esse é um passo pra agora, pra 20 anos, pra 30 anos, mas é um passo que precisa ser pensado hoje, já. E esse é um chamamento que eu faço a quem quer mais do que preservar o “status quo” através de puras reformas; é um convite, ou pelo menos um desafio que eu faço àquelas ou àqueles que gostariam de contribuir para uma modificação, para uma reinvenção total da sociedade, uma reinvenção do poder também, e não uma pura aquisição do poder que está aí. Que seria o seguinte: a começar de hoje, uma busca criadora de convivência entre nós e as massas, para que num momento X, que eu não sei qual seja, da reinvenção da sociedade, cheguemos não a uma posição eclética, mas cheguemos a uma espécie de média das duas linguagens para fazer uma só. O que não é possível é que cheguemos a uma transformação radical da sociedade e continuemos a dizer à massa popular que “nós chegamos” está errado. E preciso inventar com ela uma nova sintaxe, uma nova linguagem que implique a permanente superação do antagonismo de classe. Por que, diabos, a gente está pensando numa reinvenção da sociedade para continuar a gente como a classe que manda? Só que com um nome bonito? Quer dizer, este terceiro momento é o mais difícil, porque a gente encontra um bando de sujeitos pelo caminho que é a favor da transformação radical da sociedade, mas que nessa hora tem

nostalgia do “a mim se me afigura”. Que é nostalgia de classe, no fundo a nostalgia da linguagem é a nostalgia de classe, o gosto de classe. Eu acho engraçado que tem muita gente que me critica como um pedagogo burguês e idealista e, puxa, eu me acho tão radical, sabe?

— A maior dificuldade estaria então em chegar nas massas, em conviver?

— Mas é lógico. Olha, é difícil pelo seguinte, porque de um lado não se trata de impor, e de outro não se trata de cruzar os braços. E nós temos essa dificuldade, que é quase uma espécie de pecado original nosso. E no fundo é de classe. O pecado original em política é o de classe. E de um modo geral a gente não quer o batismo. Do outro lado, o batismo resolve a questão do pecado original, e aqui o batismo é a convivência com as massas, quer dizer, é a mão dada para recriar o mundo. Então, quando a gente diz isto, os outros, porque não querem o batismo, dizem: é, é um idealista!